. **Odus - O Oráculo Secreto**

ODUS

Relação de 200 Odus (presságios) da cultura Afro-Brasileira

Yorubá – Nagô - Ketu – Jêje – Ijexá – Efan – Mushi - Cabinda

Postura Ética

"Quem sou eu para combater ou contestar mitos e raízes que têm suas origens encravadas na pré-história ? No máximo me permito estudá-los, entendê-los e quiçá, tentar codificá-los para uma melhor convivência mútua na atual sociedade, resultando possivelmente na total plenitude de sabedoria e isenção de psicopatologias tão graves e freqüentes, nas futuras sociedades".

UM BREVE RELATO E EXPLICAÇÕES

O que é Odú?

Odú é um presságio de um momento do passado ou do presente que poderá alterar ou não um futuro ora, inexistente. O Odú traz em seu conteúdo uma gama de informações sobre uma pessoa, local, situações diversas ou política. Odus são 401 titulares e mais 1200 “omó-odú (sub-Odús)

Quem pode lidar com Odú ?

Lida com Odú somente sacerdotes (Babáolorisás e Yialorisás), Ologbôs, YialéMolés, Oluwôs, Baabalawôs, Ojés, Alagbás e Alapinis. – Todos devem ter esses “graus” comprovados.

A Origem do Odú

O Odú é um termo africano do dialeto Yorubá e Fon que determina o DNA espiritual de uma pessoa ou local e situação. Tem sua origem na própria criação do mundo e muitos deles não tiveram sua origem na terra. Foi a forma técnica que os sacerdotes das tribos africanas encontraram para decodificarem os enigmas e os segredos do universo e do ambiente que os cercava.

O Jogo-de-Búzios e os Odus correspondentes a eles foi instituido por Oduduwá, que investiu um sacerdote chamado SETILU, o qual entronizou a divindade Orúnmilá ou Baba Elérin Ipin que significa "O Céu me fala" ou a Fala do Céu. Setilu então, estebeleceu as regras da leitura desse jogo que passou a se chamar IFÁ, na realidade o verdadeiro nome de Setilú. Setilu criou sacerdotes, especialistas na leitura desses jogos, a quem chamamos de Babalawô, ou seja "pai, senhor dos mistérios e segredos". E somente os babalawos fazem a leitura dos jogos. Oduduwa tendo o conhecimento do jogo de "perguntas e respostas" (Urim e Purim) dos hebreus, adaptou-o ao sistema africano e codificou-o para entregar o segredo a Setilú, tanto no sistema de "Opélé Ifá", como Ení Ifá e Fu-Fú. Estebeleceu-se imediatamente os dois tipos de leituras que seriam passados às gerações furutas com o nome de Ifá Igbá Ilá e Ifá Obé Keruáti.

Como de divide um Odú ?

O Odú se divide em duas partes: Pupa (vermelho) e Funfun (branco) – Ou ainda em positivo ou negativo. Ambos, Pupa e Funfun se alternam no posicionamento, invertendo suas posições. Isto significa que o Odú que hoje está Pupa, amanhã ou na semana que vem poderá estar Funfun.

Como responde um Odú ?

O Odú responde através do Jogo-de-Búzios (16 búzios) mediante suas “caídas” na peneira ou toalha de jogo. O Odú tanto usa os búzios como as castanhas de Ifá (8 metades) conhecida por Opelé Ifá.

A Técnica e desmembramentos dos Odús

O conhecimento do Odú é extremamente técnico e demanda conhecimentos profundos de cálculos, dotações psíquicas, vivência e uma boa escola iniciática.

Como se propicia um Odú ?

Propicia-se um Odú fazendo-lhe oferendas diversas que variam do conhecimento de cada sacerdote ou especialista. Nunca se despacha um Odú – mesmo ele sendo negativo.

Dados e Origens técnicas do Odús

Sendo o Odú uma espécie de inteligência natural (terrena e extra-terrastre), e as vezes artificial, porém inteligência, possui uma gama de informações e poderes muitas vezes capazes de provocar fenômenos que alteram relevos locais e conseqüentemente a vida de cada habitante deste mesmo local. Em conseqüência os Odus pessoais são alterados e têm que ser tratados ou propiciados. Desta forma passamos a descrever os meandros e os chamados “Segredos dos Odus”.

Os Odus estão ligados à álgebra linear e espaços vetoriais. Os Odus estão ligados à dimensões tais como R1 – Linha Reta, R2 – Linha Plana, R3 – Dimensão de Volume, ou seja visão humana e R4 Quarta Dimensão ou quarto espaço ou seja, aquela que a visão humana não alcança, mas a matemática confirma a sua existência, seguindo-se R5 até o infinito. Odú é matemática exata.

Como os Odus transitam preferencialmente nas faixas do ultravioleta e do infravermelho, os comprimentos dessas ondas de luz tornam suas formas ou figuras perceptíveis a visão animal. O comprimento de ondas de luz estabelece-se entre o visível, o ultravioleta e infravermelho.

A tese da existência evidente dos Odus prende-se aos fatores do Percebível, do Visível e do Invisível, tornando a Teoria da Interação Inter-Elementar, incontestável e possível. Daí que, se a física quântica prevê que no ESPAÇO inexiste o fator tempo vez que o ontem e o amanhã estão aqui, no agora.

O Odú portanto, é formado por substâncias químicas como água, carbonatos, nitratos, sulfatos, compostos de carbono e amido. Aliás o amido é uma substância química constantemente usado nas oferendas (ebós), aos Odus nos candomblés brasileiros nas formas do milho branco (acaçá), e milho vermelho (axóxó), a água está presente em quase todas as oferendas aos Odus, o potássio, na banana (Obé-jokô), o carbonato que é o cálcio no leite (mungunzá) e outros.

Assim, os elementos químicos geradores de substâncias como nitrogênio, hidrogênio, oxigênio, carbono, sódio, cálcio, ferro e zinco, estão presentes na ritualística dos Odus e no dia-a-dia da prática das casas de orixás. Portanto, longe de serem fantasias criadas por seus praticantes, o ritual dos Odus é um conhecimento técnico de química e física quântica que precede em muito a existência de Isaac Newton. Portanto, válido!

Esta técnica do conhecimento do jogo de Odús propicia o conhecimento e nos prova que existe a interligação entre os Odús (caminhos de Odú) os quais promovem uma mutação gerando outros elementos, “sub-odús” e mesmo Odús. Assim como no decaimento radioativo, o urânio decai para tório e com o decaimento do césio libera-se prótons, nêutrons ou seja ENERGIA pura concentrada, o “caminho de Odú” transita da mesma forma liberando Energia pura concentrada.

E por assim ser, concentrada, as oferendas de Odús são pequenas sem qualquer suntuosidade ou luxo, porém densas de energia, pois a densidade é igual à massa sobre o volume, ou seja, a densidade é inversamente proporcional ao volume. Quanto maior o volume, menor será a densidade e vice-versa. Quanto a isto ouvimos de uma sacerdotisa Ijexá (na Nigéria) a seguinte explicação: Odú jé Oluabi tabi Oluikú! – (Odú é O Senhor da Vida ou O Senhor da Morte).

ODÚS E SEUS CAMINHOS

O que é um Caminho de Odú ?

É a sequência que ele faz em direção a outro Odu (vide setinhas na tabela abaixo) e com este se completa.

O que mais há de se saber sobre cada Odú ?

O seu histórico - suas oferendas - seus nome correlatos - seus caminhos - e muito mais.

O que é a disfunção de um Odú ?

A disfunção de um Odu acontece quando ele precisa ajudar as pessoas e estes não sabem ou não cuidam. Aí as patologias psíquicas começam a aparecer em razão da disfunção do arquétipo do Odú. - E por falar nisto, Odú é uma comprovação do cérebre psicanalista Carl Jung (Teoria Junguiana) em termos de funções ou disfunções arquetípicas.

1 ODIN OSSÁ 69 OKÔNRON-MERIN -(69=6)

2 EJÍOKÔ 70 OFU-MERIN -(70=6)

3 ETÁ OGÚNDÁ 71 ODIKASSAN-MERIN -(71=6)

4 LOBOMALÉ OSSÁ 72 EKEFÁ-MERIN -(72=6)

5 OXETURÁ ODIN OFU 73 IROSUN-MERIN -(73=7)

6 OBARÁ EJONILE 74 OBARÁ-KÉ-MERIN -(74=7)

7 OFU IKÁ ODIN 75 ARUN-DILA-DORUN-MERIN -(75=7)

8 EJONILE OSSÁ OBARÁ 76 ADORIN-EFÁ-MERIN -(76=7)

9 OSSÁTURA BESSÁ OROSSUN 77 ADORIN-EJE-MERIN -(77=8)

10 EDINEJÉ OFU 78 ADORIN-EJO-MERIN -(78=8)

11 OBIOROSSUN OKARAN OBARAXÉ 79 ADORIN-META-MERIN - (79=8)

12 OULASAN OLAXÉ HOUNXE 80 OGORIN-MARUN-MERIN -(80=8)

13 ETALA-METALA EJÍ OLOGBOHUN 81 OGORIN-OKAN-MESAN-MERIN-(81=9)

14 IKÁ OUDAN MERILÁ 82 OGORIN-MEJÍ-MESAN-MERIN-(82=9)

15 ORÉ-BABA-DAJÁ

16 ORIGBÁ

17 ODIN OTUBI

18 OWARIN BEOFUN (18)

19 OYEKÚ MEJÍ -(19=2)

20 MEJÍ-MEJÍ OKARAN -(20)

21 OGÚN-DA-MEJÍ -(21)

22 OGÚN-DA-MASSÁ - (22)

23 EJÍLÁ -(23=4)

24 AJÉ MERINLÁ-(24=4)

25 OXÉ XALUNGA OBARÁ

26 OBARÁ MEJÍ - (26=5)

27 OKÔNRON MEJÍ -(27=6)

28 OBARÁ KÉ-(28=6)

29 OUTUBÉ KÔNTAN -(29=7)

30 ODI-KASSAN -(30=7)

31 AWORI-MEJÍ -(31=8)

32 EJOIKU OLUWÁ-MEJÍ-(32=8)

33 OSATURA-BESSÁ OBARAXÉ(33=9)

34 EJÍLÁ OTUN -(34=9)

35 OFÚ-SAKPATÁ -(35=10)

36 OSSÁ-MEJÍ -(36=10)

37 OLOGBÓN-MEJÍ -(37=11)

38 BEOFUN -(38=11)

39 OULASAN-OULAXÉ MEJÍ (39)

40 ORETÉ-MEJÍ -(40=12)

83 OGORIN-META-MESSAN-MERIN-(83=9

84 OGORIN-MERIN-MESSAN-MERIN-84=9

85 OGORIN-MARUN-MEWÁ-MERIN-(85=10)

86 OGORIN-MEFA-MEWÁ-MERIN-(86=10)

87 OGORIN-MEJE-MEWA-MERIN-(87=10)

88 OGORIN-MEJO-MEWÁ-MERIN-(88=10

89 OGORIN-MESAN-OKANLA-MERIN (89=11)

90 ADONRUN-MOKANLA-MERIN-(90=11)

91 ADONRUN-ENI-OKANLA-MERIN-(91=11)

92 ADONRUN-MEJÍ-OKANLA-MERIN-(92=11)

93 ADONRUN-META-MEJÍLA-MERIN -(93=93)

94 ADONRUN-EKERIN-EUE-MERIN-(94=93)

95 ADONRUN-EKERUN-EJÍLA-MERIN-(95=12)

96 ADONRUN-EKEFÁ-EJÉ-MERIN-(96=12)

97 ADONRUN-MEJE-ETALA-MERIN (97=13)

98 ADONRUN-EKEJO-ETALA-MERIN-(98=13)

99 ADONRUN-EKESAN-METALA-MERIN-(99=13)

100 OGORUN-ETALA-METALA (100=13)

101 OGORUN-EKINI-EKERINLA-MERIN-(101=14)

102 OGORUN-EKEJÍ-EKERINLA-MERIN(102=14)

103 OGORUN-EKETA-EKERINLA-MERIN-(103=14)

104 OGORUN-EKERIN-EKERINLA-MERIN-(104=14)

105 OGORUN-EKERUN-MEDOGÚN-MERIN-(105=15)

106 OGORUN-EKEFA-MEDOGÚN-MERIN -(106=15)

107 OGORUN-EKEJE-MEDOGÚN-MERIN -(107=45)

108 OGORUN-EKEJO-MEDOGÚN-MERIN -(108=46)

41 OTURÁ-MEJÍ -(41=13)

42 ETALÁ-MEJÍ -(42=13)

43 OSSÉ-MEJÍ -(43=14)

44 OBÉ-JOKÔ -> IKÁ (44)

45 ORANGÚN-MEJÍ (45=15)

46 ORÉ-MEJÍ (46=15)

47 ORIGBÁ-MEJÍ (47=16)

48 EKÁ-MEJÍ (48=16)

49 OWARIN-MERIN (49=1)

50 ODIN-MERIN (50=1)

51 OKARAN-MERIN (51=1)

52 OTUBI-MERIN (52=1)

53 OYEKÚ-MERIN (53=2)

54 EJÍOKÔ-MERIN (54=2)

55 OUDON-MERILÁ-MERIN (55=2)

56 TOSSÁ-EJÍ-MERIN (56=2)

57 IWORI-MERIN (57=ONI=3)

58 OGÚN-DA-MEJÍ-MERIN (58=3)

59 OGÚN-DÁ-MERIN -(59=3)

60 OGÚN-DA-MASSÁ-MERIN -(60=3)

61 OSSÁ-MERIN -(61=4)

62 AJÉ-MERILÁ-MERIN -(62=4)

63 LOBOMALÉ- MERIN -(63=4)

109 OGORUN-EKESAN-EKERINDILOGÚN-(109=16)

110 OGORUN-EKEWA-OLO-EKERINDILOGÚN-(110)

111 OGORUN-OKÔKANLA-OLO-ERINDILOGU-(111)

112 OGORUN-EKEJÍLA-OLO-ERINDILOGÚN-(112)

113 OKANKAN-ENI-ODIN-EKEJO-(113=17)

114 MEJÍ-MEJÍ-OKARAN-EKEJO-(114=1)

115 META-META-OWARIN-EKEJO-(115=1)

116 MERIN-MERIN-OTUBI-EKEJO-(116=1

117 MARUN-MARUN-OKÔRINÁ-EKEJO-(117=1)

118 MEFA-MEFA-OBORINÁ-EKEJO-(118=1)

119 MEJE-MEJE-OTA-ORIXÁ-EKEJO-(119=1)

120 MEJO-MEJO-OLUABI-EKEJO-(120=1)

121 MESAN-MESAN-DJEDJE-EKEJO-(121=19)

122 MEWA-MEWA-SHIGUIDI-EKEJO-(122=2)

123 MOKANLA-MOKANLA-ABIKÚ-EKEJO-(123=19)

124 MEJÍLA-MEJÍLA-IRUN MALÉ-EKEJO-(124=2)

125 METALA-METALA-TOHOSSU-EKEJO (125=2)

126 MERINLA-MERINLA-IBIEMI-EKEJO (126=2)

127 MEDOGÚN-MEDOGÚN-TOSSÁRI-EKEJO(127=2)

128 MERINDILOGÚN-IBYINKA-EKEJO-(128=2)

129 METADILOGÚN-GÚLACAIE-EKEJO (129=3)

130 MEJÍDILOGÚN-OXIN IMOLÉ-EKEJO(130=3)

131 MOKANDILOGÚN-OGAGÚN-EKEJO -(131=3)

64 EJÍLÁ- MERIN -(64=4) 132 OGOGÚN-ONIRÉ-EKEJO- (132=3)

65 OBARÁ-MERIN - (65=25) 133 EKETA-ORITÁ METÁ-EKEJO-(133=3)

66 OTURÁ-MERIN - (66=5) 134 EKERIN-AKIRUN-EKEJO - (134=3)

67 OXETURÁ MERIN -(67=25) 135 EKERUN-ALARÁ-EKEJO -(135=3)

68 MARUN-MERIN -(68=5) 136 EKEFE-ELEMOLÁ-EKEJO -(136=3)



EGUNGUN – Nomes, Famílias, Rituais e Orikís

No ritual de Egungun, reside um dos maiores mistérios da cultura e ritualística Yorubana e Dahomeana. O culto ao Egungun, é um culto aos antepassados das pessoas falecidas que eram iniciadas no ritual dos Orixás ou Voduns ou ainda, no próprio ritual de Egun. Este ritual não é uma propriedade africana única. No Japão, existe uma semelhança no culto aos antepassados também, e que é de prática nacional. É tão sério e popular, que consegue manter a nação unida em torno desta prática. A única diferença entre estes dois cultos é que no Japão não existe a materialização dos antepassados, enquanto que na Nigéria, no Togo, Benin e Brasil, estas "aparições" são comuns e visíveis a todos os presentes.

É também comum na Nigéria vê-se os Ojés (sacerdotes de Egungun), provocando estas materializações, quando jogam várias roupas (axós – trajes) de Egungun no chão e minutos após, estas começam a inflar e tomar formatos humanos como se corpos existissem dentro de cada uma delas. Tais fenômenos acontecem em plena luz do dia, na rua e diante dos olhos de todos. O ritual começa no Ojubó (camarinha secreta), com oferendas, local onde as roupas são abençoadas e recheadas dos "axés"(força e poder), do ritual. Posteriormente, é feita a oferenda de um "agutã"(carneiro), sobre o "gbodô (pilão) o qual será levado à praça pública e invertido no chão, ou seja, colocado de cabeça para baixo. Após tais atos o Ologbô (sumo sacerdote de Egun) manda distribuir as roupas de cada Egungun que irá se materializar, no chão separadas a cada três metros. Ato contínuo, começam as cantorias sob o rítimo frenético dos "abados" (abanadores de palha) batidos em bocas de porrões" (grandes vasos de barro com bocas largas), acompanhados por "gans e agogôs" (sinetas de metal). – Tudo isto segue uma ritualística e está rigidamente dentro de uma hierarquia milenar.

Os “cargos” (títulos sacerdotais) estão dentro de uma nominação que assim está determinada em escala ascendente: 1 Ojé – 2 Eiedun – 3 Ojé Lese Egun – 4 Ojé alagbá – 5 Alapini – 6 Alagbá e 7 Ologbô. – O ritual é masculino e só permite a entrada de mulheres que sejam filhas de Oyá (Iasan) Igbalé, Oyá Zagan, Oyá, Messe Egun, Oyá Tolú e Oyá Izô. Existe um cargo intermediário com o nome de “Ojé Lesse Orisá”, que determina uma intermediação entre o Egungun e o “sirê” (toque) de Orisás ligados aos antepassados. Este cargo e ritual fica mais encravado no ritual de Geledê” da raiz Jêje.

Ritual

O ritual é complexo e exige uma iniciação demorada para aqueles que dele querem fazer parte. A Invocação chamada “Zerim” ou “Sirrum” consiste de cantigas ancestrais de louvação a cada Egun Babá e tem como base sonora os potes (porrões) de boca larga, agogôs, cabaças e “oberós” (alquidares) com água. Alguns “ilús” (tambores) também são usados e se diferenciam dos demais por serem cobertos com couro de “agutan” (carneiro). As roupas pertencentes aos Babás (pais) são confeccionadas em lantejoulas, vidrilhos, canutilhos, espelhos, cetim, telas e uma mistura de tecidos variados contrastantes entre si. Estas roupas não têm aberturas e são totalmente fechadas da cabeça (que varia de tamanho e formato), até os pés.

O ritual começa no barracão com as chamadas e as roupas jogadas no chão ou dependendo da “casa”, as roupas ficam dentro do “Ojubó” e à medida que os Babá vão chegando, estas roupas vão inflando e tomando seus formatos humanos(?), andando e falando. É comum ver-se um Babá sentar-se em um trono e gradativamente começar a desinflar até esvasiar a roupa, diante de todos os assistentes. Cada Babá tem a sua peculiaridade, sua cantiga própria, sua entonação de voz, sua roupa e sua linhagem totêmica. Também materializam presentes que deixam para seus filhos e amigos.

Os Babás não devem ser tocados por mão humana e para tanto são dirigidos durante suas apresentações por Ojés que têm nas mãos os “Inxans” (vara de amoreira) que os conduzem com pequenos toques. Porém, não raro, tanto na Nigéria como no Benin ou Bahia, algumas vezes os Babás permitem que alguém lhes apertem um braço ou uma mão para que todos tenham a certeza de que não existe uma pessoa dentro daquela roupa. Os Babás gritam e falam geralmente no dialeto Yorubá Castiço ou Ewe, no que é traduzido pelo Ojé que o acompanha. Os Babás atendem a pedidos mediante a entrega de oferendas (presentes) de momento com os mesmos escritos ou falados durante a cerimônia.

BABÁS EGÚNS FAMOSOS – Nigéria – Benin – Bahia – Pernambuco

Estes são alguns dos Babás Egungun mais famosos no eixo África - Brasil.

Ojé Ladê – Opetenan – Fatunuké – MamaTeni – Atô – Arô – Ologbojô – Aguian – Baká Baká - Alapiagan – Jootolú – Obilaré – Okin – Arisojí – Ode Layielú – Oba Olá – Oyá Biyí – Lapampa – Sembé – Aparaká – Olúlu – Oyé Ati – Élewe – Alarinsó – Ajóbiéwe – Ajofoyinbó – Aiyegunlá – Alapansanpa – Elegbodó – Awuró - Ijépa – Épa – Élé Fin – Ilóró – Pepéiye – Olókótun – Nouvavou – Mazaca – Zazi Boulonin – Zantahí – Wawá – Nibho – Rataloni – Obé Erin – Ólójé – Ólóhan – Olóbá – Aládáfa – Eléfí, Babá ALAPALÁ e Babá BANBUSHÊ ADINIMÓDÓ.

Estes são os mais famosos Babás do ritual de Egungun do Brasil e na África e, que, de uma certa forma “capitaneiam” os destinos das pessoas e por quê não dizer, o destino do Brasil.

Cantigas Secretas de Egungun

Ritual Jêje – (Sirrum)

Saudação:

Do manã Avalú elo ô,

Do manã Avalú jé roissô

Nainhê jí tu sabé deinho

Do manã Avalú já roissô

Sokó Beré

Iná Sakóeré

Etú nainhê sobe deinhó

Do manan Avalú já Roinssó

Invocação:

Avalumã, shenuê e shenuê

Shenuê, shenuê e, shenuê

Avalumã shenuê ago no shokotô

Houn já fineuá e, fineuá

Fineuá fineuá

Agô no shokotô.

E azan barékessé…zan

Azan berekessé..zan

Azan bá Egun

Obé ké makundo

Kunjala, jála obé

Obé ké makundo

Egun ma houn belé

Rekanssô marruô

Houn Belé Sogbô, hounbelé

Ma houn belé rakanssô marruô

Aziri in mamú ê

Aziri in mamu á

Idabaê, Aziri in mamí á

Ritual Yorubá – (Zerin)

Invocação: Murace bí

Babá Kosé bé

Muracebi

Babe Kosé

Yá mofú inã

Yá ko izô

Yá kosé bé

Yá kota d´ele se

O murecebi Babá Kosé

Ikú to loxê Aparaká

Ikú to loxê Aparaká,

E a larê,

Ikú oló re ô

Jêje – Yorubá

Invocação: Mauá, Mauá, Mauá

Vodunci ilê Mauá

Vodunci ilá Mauá

Lése Korré zó

ORIKY EGUN

Reza secreta Yorubana

Egun ayiê Ixibó Orún Móju Baré!!!

Sún ré òkún, òrun súnré ô

Órun re o, òkún, òrun, òrun re o,

Òkú ló gvéré a ko ri i mó

Akikanjú p´arada a kò bgohun ré,

Erín wo, erin ló,

Ajànàkú subu kó lê g´óké

Eni rené ló s´ájulé órun

Sun´ré o, Éni rere sùn ré o.

Bi ikú ba ngbowó

A ba fun um l´ówó

Bi ikú si ngb´ébó

A ba ra agbó funfun nìkinkìn

A ba ni ki ikú o gbá ko s´íjú

Ko féni rere lê kó jé kó pé

Ko feni rere lê leigbá èmi ré

Sún´ré o, Éni rere sùn´ré o.

Ikú t´ó fó niká silé t´o um éni rere

Bi ikú ba maa gbó a ba bé ikú

A ba dóbálé niwajú Élédá

A ba fi fere kórin àilónka

A ba ke pe ikú ko sáánú

Ko fi omo sílé fun abiyamó

Sugbón ilú di´´tí kó gbóhùn

Sún`re o, éni rere sùnre o.

Ikú fó`jú kó riram

Ikú féni búburú silé, o um éni rere

Bi ikú ba ti de ko gbó´oógun mó

Éni kú s´ébó tán

O simi o si bó Iówó iyónu

O di ebóra fun ómó arayé

O di òken nin awón Màleká ode-orun

Sun `re o, éni rere sun´´re o,

Kíni a ba wi, kini a ba só ?

Kini a ba fi sé ètùtù nlá yi ?

Ká tu ikú l´ójú k´a ye isókun ojú

K´a ba adájó ti nda ti a kó le ri

Ikú ti nmu´ni l´ohún, mu´ni léegun ara,

O mú´ni wó iínu ilé, a kó re i imó

O mu´ni wó iyéwu ré kó padá bó

Sun´re o, Éni rere sun´´re o.

Ébu rere kója ló si apá kejí odó

Ojó wo l´a o pàdé iwó òrisá ilé ?

Nibó l´a o pàdé iwó òrisá ilé ?

O di arinnakó o di oju alá

O di okio aláwo ati ti awòrawó

O di iwáju Olódùmaré Baba,

Ki a to fojú ganni ara wa,

Sun`re o, Eni rere sun´re o.

Não se pode confundir Egun e Egungun. Eguns são todos os espíritos de pessoas falecidas. Egunguns são espíritos de sacerdotes e sacerdotisas falecidos, ou seja, pessoas que foram iniciadas no ritual do Orixá ou no próprio ritual de Egungun.

Enquanto no âmbito dos Eguns, existem obsessores, e até mesmo demônios, que viveram e que não viveram, os Egunguns são espíritos antepassados que cuidam em dar continuidade à cultura e às tradições étnicas e tribais, para que seus sucessores (os vivos) tenham a melhor condição de vida possível. Egungun não aceita a mentira e a depravação e tão pouco a corrupção dos costumes e da ritualística. Por esta razão, pouquíssimas são as “casas” de candomblé de Egungun no Brasil, estando restritas à Ilha de Itaparica, na Bahia, em locais conhecidos por “Amoreira” e “Barro Vermelho”. No final do século XX e agora no século XXI, algumas tentativas de espalhar o ritual já foram feitas. Algumas com sucesso, outras não. Há que se ressaltar a homenagem ao grande Alagbá Aliba (Eduardo Daniel de Paula) na condução do ritual de Egun em Amoreira. Também destaque para Didi (Deoscoredes dos Santos), o Alapini de Itaparica, no seu trabalho de sucessão do falecido Aliba. Apenas para demonstrar o poder do ritual de Egungun e seus sacerdotes, destacamos da lista de Egungun acima o Babá Bambuxé Adinimodó, que em 1660 foi sumo sacerdote do Quilombo dos Palmares, em Alagoas, e encarregado pelo destino (Odú) de preservar, no Brasil, através dos ensinamentos, a raiz das tradições das diversas tribos africanas, para cá trazidas durante o nefasto tráfico de escravos. Bambuxé foi a alma , o espírito, o corpo e a mente estratégica e espiritual de Palmares, tendo como assessor o Tata Kaundê e juntos deram muito trabalho às investidas dos soldados e comandantes brancos em embates contra as tropas de Palmares. Não teríamos esta relação e este conhecimento, não fossem os ensinamentos místicos que Bambuxê nos legou através dos diversos discípulos que consagrou.

Em nossa visita e vivência em Lagos, na Nigéria, fomos franquiados a constatar e assistir alguns rituais de Egungun, realizadas em pleno dia em praça pública, presenciando as materializações de vários Babás e com eles tivemos a oportunidade de conversar, e trocando idéias, concluímos que eles amam os seus descendentes no Brasil, hoje negros, mulatos, mestiços e brancos. E conforme nos falou Babá Olobogjô e Babá Alapalá não tínhamos ido à África para “catarmos axés” e sim buscar os nossos fundamentos e conhecermos os nossos ancestrais de mais de quatrocentos anos. Para tanto, nos deram roupas, comida e habitação, além de todo conhecimento possível. Com todo orgulho, portanto, criamos esta página em homenagem àqueles que nos possibilitaram existir geneticamente, mantendo o conhecimento da ancestralidade, que nos mantém VIVOS.

Egun ayiê Ixibó Orún Móju Baré!!!

Se Alafiá

Encantaria e Jurema

A Encantaria

A Encantaria é o resultado da fusão de todos os rituais existentes no Brasil antes da chegada do homem branco com sua cultura católica fetichista, mais a contribuição africana durante 350 anos. Tendo por tronco básico a ritualística indígena serviu de esteio e receptáculo para as demais tradições importadas. Na Encantaria poderemos facilmente encontrar traços, fragmentos e até grandes remanescências das influências ciganas, africanas, católicas, judaicas, árabes, celtas, gregas, romanas e, principalmente indígena.. Mas o grande sustentáculo da encantaria, é a cultura indígena Tupi-Guarani com sua ritualística maravilhosa, voltada para a flora e fauna com ritmos extasiantes e mágicos. Como “pangelança” no norte, “terecô” no Maranhão, “catimbó” no nordeste, “quimbanda” na Bahia, “macumba” no Rio de Janeiro e São Paulo e, “batuque” no Rio Grande do Sul, a Encantaria está espalhada por todo o Brasil sob diversas formas nomes e rituais.

A Encantaria não tem um ritual iniciático e doutrina específica. Cada casa ou “terreiro” segue sua própria doutrina, estabelecendo suas regras e forma de prática do ritual. Via de regra não estabelece raízes ou tradições sucessórias, a não ser que as tenha.

Os Encantados

Os encantados são as energias mais misteriosas e difíceis de serem definidas. São inicialmente divididas em grupos, a saber: Espíritos que viveram há mais de 100 anos (e até três mil anos), espíritos que não viveram e são etéreos e manifestam-se por holografia ou incorporação, espíritos que viveram com corpo físico e manifestam-se visualmente ou mediante contato com a dimensão paralela (quadrimensional quântica) e, finalmente os anjos das 3 categorias, “penosos”, discordantes e rebeldes, que se manifestam de todas as formas possíveis.

Boiadeiros

No rol dos encantados estão todos que não são Orixás, todos que não são Voduns e todos que já são resultado da miscigenação entre Voduns e Orixás (ambos africanos), e os espíritos da terra, aqueles que já estavam aqui

quando o homem branco e o negro chegaram. Vulgarmente são chamados de Caboclos em algumas regiões ou Encantados e mestres outras regiões.Um dos grupos mais presentes e pouco conhecido, é o de Boiadeiro, “O Senhor do Portal do Tempo e das Dimensões”. Atendem por nomes como Navizala, Divizala, Itamaracá, Lua Nova, Campineiro, Gibão de Couro e muitos outros codinomes que escondem sua verdadeira origem e missão.

Por serem “fechados” em suas falas pouco se aprendeu sobre este grupo de encantados até hoje. Mas podemos afirmar que trata-se de uma “falange” poderosíssima, com altos conhecimentos místicos, astronômicos e litúrgicos. São capazes de promover fenômenos indescritíveis se invocados da forma corretas com os “apetrechos” certos.

Durante anos as Casas de Candomblé de Angola (Endembo, Mushi-Congo, Tumba Junçara) e Xambá, costumavam após o término do ‘Shirê” Ti Inkisse (roda de santo de Angola), fazer um toque de louvação à Boiadeiro, toque este que rompia a madrugada com o dia clareando e muita Jenipapina. Isto sem se falar nas cantigas conhecidas por “sutaque” que vêm do fundo da alma e são feitas de improviso.

Jurema

Considerada a mais popular e poderosa ritualística de Encantaria brasileira o ritual da Jurema (hoje bastante miscigenada devido aos fatores já explicados), é no nordeste, tão popular quanto o frevo e o samba no Rio de Janeiro.

Jurema (Acacia Nigra), é a árvore sagrada dos indígenas brasileiros há milênios. Nela concentram-se todos os valores fitoterápicos e místicos de um ritual que de uma certa forma, influenciou todos os demais no Brasil inteiro. Dezenas de encantados e mestres espirituais do ritual da Jurema povoam as “Casas de Nação” (candomblés) os quais não podem negar-lhes “espaço”. A Jurema por ser um ritual totalmente brasileiro é o único que se equipara aos seus congêneres africanos por ter sua própria Raiz e Origem. A raiz, é a árvore com suas folhas, casca a raízes – A origem é Monan, deus supremo dos Tupis,Caetés, Tabajaras, Potiguás, Tapuias, Pataxós e outras nações indígenas. Seus protetores eram (até a chegada do branco), Tupan, Yara, Caapora, Curupira, Boiúna, Mo Boiátatá, Jaguá, Rudá, Carcará e outros mais. Eram de tribos diferentes, mas cultuavam os mesmos deuses aos pés da mesma árvore: JUREMA.

Com a miscigenação entre os indígenas e o branco e entre indígenas e o negro miscigenaram-se também, suas culturas, seus arquétipos, seus usos e costumes. Com o aparecimento “caboclo” (mestiço), apareceram também os encantados resultados desta mestiçagem. O ritual da Jurema, vulgarmente chamado de “Catimbó”, devido ao uso de cachimbos durante a prática, é cercado de preparos e cuidados especiais respeitanto-se

prioritariamente a ancestralidade de cada um ou da própria raiz em torno da qual realiza-se a prática. Esta por sua vez, obedece à vínculos locatícios chamados de “cidades da jurema”, cada uma com seu nome. O ritual tanto pode ser feito sobre uma mesa com pode ser feito no chão. As forma são distintas, com objetivos as vezes diferentes.

Os ingredientes e apetrechos usados nos rituais de Jurema são os seguintes:

Cachimbos confeccionados à mão de diferentes troncos de árvores Fumos feitos com folhas de tabaco misturadas com folhas de diferentes árvores (dependendo da intenção do “trabalho”) Maracá (chocalho indígena) para invocar os mestres encantados Pequenos troncos de Jurema sobre os quais acende-se velas (dependendo do número de “Cidades” as quais serão invocadas – (preferencialmente 4 cidades) Sineta de metal nobre para invocação dos Mestres - (no passado era com caxixi) 2 ou mais copos altos e largos com água Toalha vermelha ou branca se for na mesa e vermelha se for no chão.

ALHANDRA, a Cidade Sagrada

A cidade sagrada da Jurema é ALHANDRA na Paraíba, entre João Pessoa e Recife. Este é o MARCO ZERO da Jurema no Brasil e também, centro de romarias de milhares de pessoas anualmente. Dentro de Alhandra estão outras três outras cidades sagradas conhecidas por Acais, Tapuiú e Estiva. Lá também estão os túmulos de vários mestres famosos no Brasil inteiro. Maria do Acais, Damiana Guimarães e Zezinho do Acais, fizeram a fama desta cidade que contém a Jurema de Cangaruçu por todos respeitada neste Brasil. Nenhum mestre da Jurema deve o pode ser tratado como se fosse um Egun ou Exu!

Mestres famosos da Jurema:

Mestra Maria do Acaís (Maria Gonçalves de Barros)

Mestre José Pilintra (José de Aguiar dos Anjos)

Mestre Major do Dia

Mestre Cabeleira (Dom José do Vale)

Mestre Zezinho do Acais

Mestre Cangaruçu

Princesa de Leusa

Mestra Maria Elisiara

Mestra Joana Pé de Chita (Joana Malhada)

Mestra Damiana Guimarães

Mestre Emanoel Maior do Pé da Serra (Emanoel Cavalcante de Albuquerque)

Mestre Manoel Cadete

Mestre Marechal Campo Alegre

Mestre Arcoverde

Mestre Tertuliano

Mestre Malunguinho

Mestra Piorra

Mestre Carlos Velho (José Carlos Gonçalves de Barros)

Mestra Maria Solomona

Mestra Judith do Barracão

Mestra Maria Padilha

Mestre Antônio Macieira

Rei Eron

Mestre Cesário

Mestra Jardecilia ou Zefa de Tiíno

Mestre Tandá

Mestra Izabel

Mestre Zé Quati

Mestre Casteliano Gonçalves

Mestra Fortunata do Pina (Baiana do Pina)

Mestre Nêgo do Pão

Mestra Maria Magra

Mestre Candinho

Cidade do Segredo da Jurema

Tambaba

7 Cidades Sagradas

Jurema, Vajucá, Junça, Angico, Aroeira, Manacá e Catucá.

Toadas (cantigas) de alguns Mestres do Catimbó ou Jurema:

Mestre Malunguinho:

"Malunguinho está nas matas, ele está é abrindo mês a um Rei. Me abra este mesa Malunguinho e tire Espec do caminho. Espec aqui, espec acolá para os inimigos não passar. Espec aqui Espec acolá para os inimigos eu derrotar." – (bis)

Mestre Major do Dia:

"Ó meu Major, ó meu Major, meu Major de Cavalaria. És meu major, és meu Major, és Meu Major do Dia." – (bis)

Mestre Zezinho do Acaes:

"De longe venho saindo, de longe venho chegando, tocando a minha viola e as meninas apreciando. Cantando eu venho folgando eu estou. Cantando eu venho da minha cidade. Minha barquinha nova nela eu venho, feita de aroeira que é pau marinho. Quem vem dentro dela é o meu Bom Jesus, de braços abertos, cravado na Cruz. – Aurora é Canindé, Aurora é Canindé."

Mestre Cabeleira - (Zé do Vale)

"Eu venho de porta em porta caindo de déu em deu. E casa que eu conheço é a sombra do meu chapéu. Fecha a porta gente que o Cabeleira e vem. Pegando rapaz, menina também. Pegando rapaz, menina também. Minha mãe sempre dizia, “meu filho tome abenção, meu filho nunca mate, menino pagão” – Subi serra de fogo com alpercata de algodão, se a alpercata pega fogo, o boto desce de pé no chão. E o meu cavalo, é maresia...ele vadeia lá na praia do lençol." – (bis)

Mestra Maria de Elisiara:

"Que campos tão lindos, vejo o meu gado todo espalhado, lá vem Maria de Elisiara, que vem ajuntando o gado. Lá vem Maria de Elisiara, rainha de Salomão, que já foi Mestra e hoje é discípula do nosso querido Rei João. Que Campos lindo e Varandas" – (bis)

Mestra Joana Pé de Chita: - (Joana Malhada)

"Eu sou Joana da cidade de Santa Rita, tenho um Cachimbo respeitado, eu sou Joana Pé de Chita" – (bis)

Mestre Emanuel Maior do Pé da Serra:

"Campos Verdes, meus Campos Verdes, tua luz estou avistando, da cidade de Campos Verdes, Emanuel Maior já vem chegando. Campos Verdes, meus Campos Verdes vejo o meu gado todo espalhado, da cidade de Campos Verdes Emanuel Maior vem ajuntando o gado. É fogo na “Gaita” e toque o “Maracá”, bote água na cuia pra Emanuel Maior tomar."

Mestre Rei dos Ciganos – (Barô Romanó)

"Eu estava sentado na pedra fria, Rei dos Ciganos mandou me chamar. Rei dos Ciganos e a Cabocla Índia, Índia Africana no Jurema. Quem traz a flecha é a Cabocla Índia, Rei dos Ciganos mandou me entregar. Quem traz a flecha

é a cabocla Índia, eia arma a flecha que eu vou flechar. Quem traz a flecha é a Cabocla Índia, eia arma a flecha vamos flechar."

Mestre Tertuliano:

"É de Ipanema, é de Ipanema – Tertuliano trabalhando na Jurema" – (bis)

Mestre Marechal Campo Alegre:

"Eu dei quatro volta no mundo e o sino da capela gemeu. Sou eu Marechal Campo Alegre, e o Dono do Mundo sou eu." – (bis)

Mestra Judith do Barracão:

"Judith ó minha Judith, Judith lá do Barracão e os campos de Judith, são campos, são campos. E atira, Judith atira, pedaço "preaca" de mulher. E os campos de Judith são campos, são campos. E atira, Judith atira cabocla negra de Ioruba, e os campos de Judith são campos, são campos. E o bueiro de Judith, é bueiro, é bueiro. E o molambo de Judith, é molambo, é molambo. E o baralho de Judith, é baralho, é baralho."

Mestre Navisala:

"Eu venho de longe, sem conhecer ninguém. Venho colher as rosas que a roseira tem. Mas eu sou boiadeiro, não nego o meu natural. Quem quiser falar comigo, bem vindo seja no Juremal."

Mestra Maria Padilha:

"Que grito foi aquele que o mundo estremeceu suas varandas. Foi de Maria Padilha, e a dona do mundo é ela ó minha varanda."

Mestre Légua Bogi-Buá Trindade:

"Légua, eu sou Légua, Légua Bogi Buá. Mas eu plantei a Légua no tronco do Jurema. – (bis)"

Mestre Zé Pilintra - (José Aguiar dos Anjos) – Ritual de Catimbó raiz Alhandra, Junça, Vajucá.

"Mandei chamar Zé Pilintra, nego do pé derramado e quem mexer com Zé Pilintra, ou fica doido ou vem danado. – (bis) – Seu doutor, seu doutor, Zé Pilintra chegou. Se você não queria, para que lhe chamou. Dilim-Dilim, bravo senhor, dilim-dilá, bravo senhor, Zé Pilintra chegou, bravo senhor para trabalhar. Bravo Senhor."

"Lá na Vila do Cabo, ele é primeiro sem segundo. Só na boca de quem não presta, o Zé Pilintra é vagabundo."

"Zé Pilintra no Reino Eu sou um Rei Real. Zé Pilintra no reino e eu vim trabalhar. Trunfei, Trunfei, Trunfei, Trunfá. Zé Pilintra no Reino, estou no meu Jurema. Trunfariá!"

"Chegou José Pilintra, sou o assombro do mundo inteiro. Sou faísca de "fogo-elétrico", sou trovão do mês de janeiro."

"Na passagem de um rio, Maria me deu a mão. E o prometido é devido, é chegada a ocasião".

"Eu matei meu pai e minha mãe. Jurei padrinho e Jurei Madrinha. Matei um cego lá na igreja e um aleijado lá na linha. Seu doutor, seu doutor bravo senhor, Zé Pilintra sou eu, bravo senhor. Se você não queria, Bravo senhor para que lhe chamou, bravo senhor".